



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MARIA APARECIDA AGUSTONI SILVA

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-

Entrevistado/a: Maria Aparecida Agustoni Silva

Nascimento: 17 de setembro de 1955

Local da entrevista: residência da entrevistada

Entrevistador/a: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Data da entrevista: 31 de outubro de 2014

Transcrição: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Copidesque: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Pesquisa: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação:

Páginas Digitadas: 15 páginas

Observações:

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Maria Luisa Oliveira da Cunha sobre a Escola de Dança de João Luiz Rolla.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Identificação; Início na dança; Escola de Dança João Luiz Rolla; Professora na Escola; Formação do professor Rolla; Escolas da época e sua avaliação sobre elas; Escola de ballet de um homem; Estrutura da escola; Metodologia de aula; Registros da época; Espetáculos da escola; Formatura; Aulas com o Professor Rolla; Aulas com pianistas; Exames de final de ano; Alunas com projeção na dança; Encerramento da escola; Grupo de ex-alunas; Capa do convite de espetáculo em Carazinho; Relato final; Agradecimentos.

Porto Alegre, 31 de outubro de 2014. Entrevista com Maria Aparecida Agustoni Silva a cargo da pesquisadora Maria Luisa Oliveira da Cunha para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.C. – Gostaria que me dissesse teu nome completo.

M.S. – Maria Aparecida Agustoni Silva. Mas o pessoal me conhecia por Apa porque o Rolla me chamava de Apa e aí ficou nome de Balé... Apa.

M.C. – Qual tua data de nascimento?

M.S. – 17 de setembro de 1955.

M.C. – Qual teu estado civil?

M.S. – Sou casada e tenho quatro filhos, três meninas e um rapaz.

M.C. – Tu és natural de qual cidade?

M.S. – Eu nasci em Porto Alegre, inclusive nasci neste apartamento que nós estamos. Eu saí somente três anos depois que eu casei, por que aí fiquei fora. E quando eu voltei meu pai já tinha saído deste apartamento para outro e aí eu voltei para cá. Então agora eu estou pela segunda vez aqui, vai fazer trinta e um anos. Sempre morei em Porto Alegre.

M.C. – Então me fala um pouco deste entorno social, onde tu estudavas?

M.S. – Eu estudava no Seigné¹, que era ali na Avenida Duque e fazia balé no Rolla que já era no Araujo Viana². Já tinha vindo da Rua Marechal Floriano. Foi o primeiro ano dele no Araujo Viana foi quando eu entrei.

M.C. – Qual tua idade nesta época?

M.S. – Eu tinha oito ou nove anos. Não eu sou de 55 eu já tinha dez anos... Eu entrei meio tarde e eu não fiz aqueles primeiros anos iniciais, aquele infantil. Eu entrei direto na turma que era o preparatório.

M.C. – E como tu conhecestes a Escola de João Luiz Rolla?

¹ Colégio Seigné em Porto Alegre RS.

² Auditório Araujo Viana em Porto Alegre RS.

M.S. – O meu tio era o Aldo Obino³ que era crítico de arte do Jornal Correio do Povo e quando eu manifestei vontade de ir para o balé ele automaticamente disse: “leva para escola do Rolla!” Porque ele já conhecia o trabalho do Rolla há muitos anos e eles eram amigos se falavam e aí eu fui parar na escola do Rolla foi bem no ano que ele veio para o Araújo.

M.C. – E o que se sabia da escola e sobre o próprio professor na tua família?

M.S. – Pouco se sabia por que na minha família nunca ninguém tinha dançado balé. A minha mãe como estudou no Colégio Sevigne e na época a Dona Tony⁴, que foi também professora de dança do Rolla, dava aula de educação física lá. E aí sempre ela fazia alguma coisa com uma dancinha e ela achava minha mãe muito jeitosa para dança. Mas foi isso a experiência de balé que tinha na família. Eu realmente fui a primeira da família que resolvi ir para dança. Então por recomendação do tio Aldo não se conhecia escola nenhuma. Então ele disse: “vai pra escola do Rolla!” A escola do Rolla era perto porque era aqui no Araújo Vianna e pra nós era fácilimo! Na época, a minha memória não é das melhores, na época o ônibus Santana e o São Manoel passavam por aqui e a gente pegava e descia na frente do Araújo Viana. Era minha mãe que me levava sempre me levou, até ficar maior e começar a ir sozinha. E aí nisso depois entrou a minha irmã para o balé a Marta Agustoni⁵ e depois, anos depois, entrou minha outra irmã que é dez anos mais moça do que eu a Cláudia Agustoni⁶. A Cláudia saiu três, quatro anos depois e não se formou, mas a Marta sim. Eu fazia escola de manhã e o balé pela tarde. A tarde começava que os pequenos tinham aula duas vezes na semana. Era segunda e quinta ou terça e sexta dependia do adiantamento que estavam. Então geralmente... Eu comecei acho que segunda e quinta... Acho que era preparatório porque não tinham todas as turmas todos os dias. Então eu fazia duas vezes por semana e aí depois quando já estava mais adiantada que já ia para a parte de ponta aí começava ter três vezes por semana até que mais para o final já não tinha mais semana... era de segunda a segunda só não íamos no domingo. E depois que me formei já fiquei dando aula lá. Então eu entrava assim tipo... Dava aula para turma das nove da manhã e saía de lá às dez horas da noite.

³ Aldo Obino, crítico de arte.

⁴ Antonia Seitz Petzhold, professora de balé.

⁵ Marta Agustoni, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla.

⁶ Claudia Agustoni, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla.

M.C. – Então tu chegou a trabalhar lá?

M.S. – Sim eu trabalhei todo tempo lá. Era remunerado... Era hora aula eu não lembro bem... Mas ele pagava! Todas nós éramos remuneradas a não ser quem era estagiária. Mas a gente, as professoras, todas éramos remuneradas. Era eu a Regina⁷, a Erenita⁸, que era de Canoas e depois abriu uma escola de dança em Canoas, a Virgínia⁹ que se formou junto comigo e depois a Laura Guimarães¹⁰ que é irmã da Regina Guimarães que trabalha agora com a Vera Bublitz¹¹ e depois tiveram mais algumas que andaram dando aula lá. Eu comecei assim que me formei e fui até fechar a escola, mais ou menos dez anos dando aula lá. Minha vida foi toda dedicada lá eu dava aula lá e depois quando fui ficando maior eu dava aula numa escolinha que tinha aqui perto em um jardim de infância. Eu tinha um grupinho de meninas quando eu via que as meninas eram boas eu mandava pra lá porque o balé de escolinha não vai mais adiante... Então quando a gente via que as meninas que a gente dava aula pelos colégios eram boas a gente mandava pro Rolla. Depois eu trabalhei no Sevigne uns dois anos eu dei aula de dança logo que começou essa coisa dos colégios terem aula de expressão corporal e dança no período de educação física. Chegou uma época que eu cheguei a ter mais de trezentas crianças na minha mão espalhadas assim... Tanto que hoje as minhas filhas riem e dizem que eu conheço todo mundo e eu digo sim quem morar aqui me conhece porque quase todas as meninas da época passaram pela minha mão porque ou era no sevigne ou era na escola infantil ou era lá no Rolla. Minha atuação profissional foi a dança até os trinta e poucos anos depois eu fiz um curso de protética fui ser protética um tempo... Depois eu vim pra casa cuidar dos meus filhos porque eu estava trabalhando para pagar duas empregadas... Que eu tinha quatro filhos já e aí quando fechou a escola do Rolla eu disse: “não, chega! Vou ficar em casa com eles até crescer”. E agora eu não trabalho mais a minha vida profissional a maior parte dela foi a dança.

M.C. – O que tu sabes me dizer sobre a formação do professor Rolla?

⁷ Regina Adylles Guimarães, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla.

⁸ Erenita Parmegianni, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla.

⁹ Virgínia Maria Ruschel, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla.

¹⁰ Laura Guimarães, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla.

¹¹ Vera Bublitz, ex-aluna da escola de Albertina Saikovska Ganzo, em Florianópolis. Em 1964 fundou a Escola de Ballet Vera Bublitz na Cidade de Cruz Alta, RS e em 1979 transferiu-se para Porto Alegre.

M.S. – Ele começou como atleta. Ele era atleta do internacional. Eu acho que a Tony viu ele em alguma coisa de atletismo e precisava de um rapaz para dança. Porque eternamente foi difícil conseguir homens para dançar e ela convidou. E aí ele ficou dançando até que ele resolveu abrir a escola dele. Claro depois ele começou a fazer cursos ele fez cursos no Uruguai, em Montevideu, mas ele não tinha uma formação assim de nove anos que nem a gente teve. Mas ele teve uma boa formação e ele tinha uma cabeça muito avançada para época. Agora a gente diz que ele era um visionário porque ele fazia coisas que ninguém imaginava fazer. Estas viagens que ele fazia aconteceram antes de eu entrar na escola por que ele procurava estudar. Ele tinha uma biblioteca maravilhosa que foi doada. Muito completa a biblioteca dele! Ele não gostava muita da gente mexer nesses livros. Eles eram fechados em um armário. Algumas vezes ele liberava um livro ou outro, mas nunca para levar pra casa, pra olhar lá, com ele. Alguma coisa que a gente quisesse pesquisar, repertório. Mas a gente não tinha livre acesso era aquilo fechadinho dele e ele não gostava muito que mexessem. Ele tinha algumas partituras, livro muito interessantes.

M.C. – Quais escolas existiam na época na época? E como era considerada a escola de João Luiz Rolla?

M.S. – Era a Marina Fedossejeva¹², a Salma Chemale¹³ e do Rolla. Porque a Dona Tony na época estava fora não estava com escola. Depois que chegaram a reabrir na Cristóvão, mas na minha época eram esses e depois a Lenita Ruschel¹⁴ ela chegou fazer um pouco de balé com ele, mas não terminou o curso. Ela não fez o curso todo lá. Depois não me lembro se ela passou para a Marina ou pra Salma. Bem mas tu sabes que escola de dança é meio como time de futebol ou partido político: pra mim o Rolla era a melhor escola que tinha! Pra mim não existia outra coisa melhor que Rolla em Porto Alegre! Isso deve ser opinião de todas nós todas devem dizer que era o melhor que tinha! A gente até podia fazer curso em outro lugar depois de mais adiantadas... A gente ia a São Paulo fazer curso no Balé Stagium¹⁵ no período de férias porque eles sempre tiveram curso férias no verão. Aí todo mundo procurar outras fontes, mas em Porto Alegre para nós era a referência de melhor!

¹² Marina Fedossejeva, professora de balé.

¹³ Salma Chemale, professora de balé.

¹⁴ Lenita Ruschel, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla.

¹⁵ Cia de Balé Stagium de São Paulo SP.

M.C. – Me fala sobre como era na época estudar na escola de dança de um homem.

M.S. – Pra minha família em casa era uma coisa tão normal como ir para o colégio. Nunca se cogitou ter algum problema ou alguma coisa. Nunca se questionou. Ele era um bailarino extremamente respeitado em Porto Alegre. Uma pessoa altamente capaz. Ele era reconhecido na cidade nunca se falou nada assim nossa... Era muito normal.

M.C. – Tu poderia me falar sobre a localização e estrutura da escola?

M.S. – Sobre a localização eu comecei no Araújo foi o primeiro ano dele quando ele abriu a escola lá. Eu me lembro perfeitamente do dia que a gente foi fazer a matrícula e estavam colocando as barras. Ele estava recém assumindo a sala do Araújo Viana pra mim a minha vida inteira foi no Araújo. A sala lá era muito boa, imensa, uma boa sala. Era no andar de cima. Tu entrava pelo portão lateral do palco, tem duas portas grandes, subia uma escada caracol e a nossa escola em cima. Tu olhando de fora do Araújo era onde tinha a aba com as janelas basculantes. Naquela época tinha a semana de porto alegre em novembro e fazia parte do nosso contrato do Rolla usar o Araújo que ele tinha que dar espetáculos para prefeitura. E então a gente sempre fazia em novembro que era semana de Porto Alegre um espetáculo aberto ao público, de graça, não se ganhava nada. Geralmente assim o espetáculo que a gente tinha montado para outubro no Teatro São Pedro que era época dos espetáculos de balé, apresentava em novembro naquele palco do Araújo Vianna naquele palco de pedra. Aquele palco não tinha uma medida de palco que se usava na época. Era um palco diferente e era de pedra o chão, de granito. Era um palco muito ruim não era um palco para isso. Na verdade aquilo era uma concha acústica não era um palco para apresentação de dança. Mas quando chegava a semana de Porto Alegre... Depois começaram a usar, anos depois, já quase agora no fim, a banda municipal. Quando fizeram à banda municipal ela ensaiava naquele palco, mas se estava chovendo eles ensaiavam no salão de baixo, E as óperas que vinham a Porto Alegre teve a Aida e o Trovador e tudo era feito ali no Araújo Vianna. Então ele era muito usado tanto que quando começou aquela coisa da cobertura eu disse: “pra mim deixava o auditório como está!” Mas é que não se usa quase... Mas se usou tanto! É que realmente tu não tinhas muito como cobrar ingresso de uma coisa que tudo isso não sabia se ia sair ou não por causa da chuva... Porque se chovesse... Quando inverno era frio todo mundo enrolado encasacado. Mas se usava... Mas realmente comercialmente não era viável. Eu achava bem interessante ele aberto era muito bonito... Espetáculo de noite lá com céu era lindo!

M.C. – Como era a divisão de turmas na escola?

M.S. – Tinha o infantil A e o infantil B, porque na época não se entrava no balé antes de cinco anos e meio ou seis nem pensar! Então primeiro infantil B depois passava para infantil A e depois ia para o preparatório depois o primeiro ano de pontas até o sexto ano de pontas.

M.C. – Tu tens registros desta época como fotos, certificados, figurinos?

M.S. – Daquela época eu tenho certificado que deve estar na casa da minha mãe. Tenho pouco material... Esses dias estávamos comentando acho que a gente era muito pobre porque as mães não compravam fotos! Mas é que realmente não tinha fotógrafo que ia lá tirar uma foto. Quem tem muita foto é a Regina, mas porque o pai dela era fotógrafo o pai da Regina era fotógrafo oficial só ele tirava foto era o tio Guima¹⁶. Ele tinha fotos, slides, muita coisa de luz e projeção foi o tio Guima e os irmãos de Regina que ajudavam. Mas a gente assim no começo eu devo ter assim uma ou outra foto. Se fosse hoje em dia... As fotos eram um artigo de luxo naquela época. De figurinos não tenho nada mais. Tinha até pouco tempo. Ficaram anos e anos guardados em malas no maleiro da minha mãe e a gente não deixava se desfazer daquilo até que a gente cresceu começou a se casar, ia sair da casa da minha mãe e ela perguntava: “faço o que com isso?” E aí acabamos doando para uma escola tinha aqueles vestidos de dama antiga da fase de criança e depois os tutus da fase mais adulta. Alguns figurinos a gente guardava porque depois, nessa fase mais adulta, tinham os balés de repertório, então de tempos em tempos ele repetia esses balés. Então alguns figurinos a gente guardava por isso. Por que terminava que se usava de novo. Os de criança não porque quando ele remontava já era com outra roupa.

M.C. – Como se dava a criação dos espetáculos?

M.S. – De um modo geral enquanto a gente era criança ele resolvia, ele mesmo desenhava os figurinos. Depois para os maiores ele chamava geralmente o Cattani¹⁷. Aí ele ia pra lá um dia, assistia a gente dançando e o Rolla mais ou menos dizia pra ele o que queria, o que pretendia que fosse a roupa, e aí ele fazia o desenho. A relação deles se dava por que Cattani trabalhava nas lojas de tecido acho que ele desenhava na loja internacional que

¹⁶ Carlos Alberto Ferraz Guimarães.

¹⁷ Dirson Cattani, figurinista.

tinha na época. Aí então por conta da gente ter que buscar tecidos na loja e na época acho que era ele que fazia essas coisas para teatro. Era o mais requisitado. Então Cattani desenhava algumas roupas e a gente tinha as costureiras que faziam. Depois mais tarde a mãe da Regina e a mãe da Vânia Kramer meio que andavam ajudando. Tinha também a mãe da Zelira que fazia e era lá no Partenon. Então a gente sempre sabia que tinha espetáculo em setembro ou outubro e as bem pequenas do infantil B não participavam desse espetáculo. Só o infantil A e o preparatório. E as turmas dependendo eram divididas por que eram quatro dias de espetáculo. Então uma turma dançava dois dias, uma noite e uma matine e outra turma dançava uma noite uma matinê. Agora as pequenas a coreografia era cargo dele e de quem estava dando aula a professora da época e ele fazia. Geralmente ele e a professora que ajudava na coreografia. A gente não tinha poder algum. Aí depois a gente vai crescendo a coisa era conversada. Às vezes vinha um coreógrafo de fora como o Ricardo Ordoñez¹⁸ que montou dois balés pra nós. Ele montou Ravel e montou Prokofiev. Então tinha uma parte que era do Ricardo e outra parte que era coreografia do Rolla. Na época quando Ricardo veio pra cá ele era de Bahia Blanca no Uruguai, mas eu não lembro como eles se conheceram por que o Ricardo foi para o Balé Stagium depois de ter parado por aqui. Mas o Ricardo trabalhou muito tempo com a gente. Ele vinha na época da coreografia às vezes ficava uma temporada, às vezes ele vinha dava umas aulas e ia embora. Ele tinha a vida dele também... Mas ele não chegava a ficar um ano inteiro trabalhando com a gente. Aí depois ele vinha mais perto do espetáculo aí passava as coreografias fazia os ensaios finais. Mas normalmente ele vinha dava a coreografia e a gente ficava ensaiando e ele ia embora e depois voltava. Isso quando vinha alguém de fora. Por que, por exemplo, a coreografia 2001 foi toda de Rolla! Ideia de figurino, do que ele queria que tivesse, do que queria que mostrasse... Marcou muito na cidade o espetáculo 2001 por que foi uma explosão de luz que nunca havia sido vista em Porto Alegre. Foi uma loucura! Mas pra mim vou te dizer que na época que eu dançava eu gostava de tudo. Não tem uma coreografia queridinha que eu possa dizer a essa eu adorava! Eu gostava de todas! No balé 2001 eu estava no 4º e 5º ano de pontas e eu dancei luz eterna e atmosfera. Eu acho que foram os dois que eu dancei. E era muito bonito muito interessante a ideia dele. Porque a gente fica pensando naquela época a gente não tinha internet não tinha acesso a nada que acontecia no resto do mundo. As coisas chegavam por carta. Não era nessa

¹⁸ Ricardo Ordoñez, bailarino, coreógrafo nasceu na cidade de Rosário-Praça de Santa Fé Argentina (1939-2009).

rapidez que acontece hoje... Meu sobrinho agora, por exemplo, está em Praga eu falo com ele todos os dias e ainda dou dicas pra ele: “olha vai tomar chocolate quente não sei aonde que é muito bom!” Naquela época não tinha isso! Então eu me pergunto “da onde ele tirava aquilo?” Ele tinha aquilo nascia na cabeça dele eu acho! Claro que depois que a gente tava mais adiantada ele colocava as músicas e a gente comentava olha o que tu acha dessa música? Mas agora a coreografia em si, a concepção, a princípio era dele. Claro que ele aceitava uma sugestão, mas a princípio o graúdo da coisa era dele.

M.C. – E o que significava naquela época dançar nesta escola?

M.S. – Ah eu dizia eu danço na escola de dança do Rolla e isso era motivo de orgulho para todo mundo! A gente tinha orgulho de ser do Rolla era importante.

M.C. – E como era o professor em aula?

M.S. – Ele era rigoroso e tem aquela história que diz que ele dava de vara. Não ele não dava de vara ele tinha uma vara realmente que nós herdamos a vara. E nós também usávamos a vara. Aquela vara era para bater na barra, para marcar o ritmo quando a baderna tava muita dava uma pancada na barra de ferro e aquilo fazia um barulhão. Ou para não ter que ficar se abaixando toda hora porque tinha um pé torto tu ia lá e cutucava com a vara e dizia endireita o pé!! Ele dizia: puxa a pança fulana! Ele era muito brincalhão tanto que todas nós temos apelidos eu era a Apa, tinha outra que era a Xu, a outra era Cabana, a minha irmã, por exemplo, ele chamava Martola das argolas porque daí ele inventava um nome e já achava uma palavra que rimava. Então a maioria de nós tínhamos apelidos. A lenda da vara até hoje persiste. Se tu for falar com alguém tu vai ouvir imagina que eu ia estudar no Rolla ele dava de vara! Mas ele nunca deu em ninguém imagina se ele ia ser louco de dar em alguém! Porque às vezes ele cutucava, mas ele vinha rindo, vinha pra fazer cosquinha, para brincar! Mas bater jamais! Mas ele sempre tinha a varinha ela andava sempre por perto dele.

M.C. – Temos registros do professor em aula com roupa de passeio e sapatilhas tu podes falar algo sobre isso?

M.S. – A gente achava isso normal. Ele sempre veio assim e nunca ninguém questionou ele dar aula de calça social inclusive para executar o exercício ele demonstrava claro que só no começo no final ele já não fazia mais nada. Mas ele chegava a levantar a calça para mostrar

a posição da perna. Mostrar como ele queria que estivesse a perna. Mas ele realmente nunca colocou uma roupa de dança porque calça de abrigo, que ele quisesse usar, nem existia na época. Então ele dava aula de calça social, de cinto e camisa. Não era nem camiseta. Camiseta, na época, quase homem nenhum usava quem usava era obreiro. No inverno usava com colete por cima. Essa era a roupa dele de dar aula e que ele acha, eu acho, que era da época dele porque se tu olhar assim a história do balé onde estiver homens dificilmente eles estão de malha. Ele dava aula os que davam aula o ballantine, por exemplo, essa gente toda, sempre de calça não era uma malha era calça.

M.C. – As aulas eram acompanhadas por pianistas?

M.S. – Sim eram três a Dona Amália¹⁹, a Dona Elisa²⁰ e a Dona Ceci²¹. A Dona Amália era a mais graduada então ele deixava pras turmas adiantadas. A Dona Elisa tocava mais para as crianças e a Dona Ceci cobria os horários que as outras duas não ficaram. A gente chegou a dançar com gravador de rolo, mas isso é mais para final da escola aí a gente só trabalhava com gravação já não tinha mais pianista, mas no começo eram as três pianistas direto para música ao vivo o tempo todo. Nas apresentações era o bem dito do gravador de rolo. Teve um ano só que a gente com um pianista Baraldi²² acho que era Baraldi o nome do pianista e aí foi o divertimento número 1 foi com piano tocado. Mas sempre era com gravação.

M.C. – Gostaria que tu falasses dos exames de final de ano.

M.S. – Os exames geralmente eram dentro da escola no Araújo Viana na nossa sala. Tinha uma banca examinadora que geralmente era com alguém convidado um professor ou um ex-aluno mais antigo, as professoras da escola e tinha a fiscal da secretaria de educação. Porque na época a gente tinha uma fiscalização da secretaria de educação acho que era Dona Olímpia²³ o nome dela. E ela ia esporadicamente sem aviso prévio ela aparecia lá na escola e sentava para assistir uma aula. Era fiscalizada pela secretaria de educação e aí ela sempre assistia a prova do exame final. E as formaturas eram no São Pedro, mas teve algumas que foram aqui no teatro de Câmara na república. A da minha irmã foi uma que

¹⁹ Luiza Amália Leite Pereira, pianista.

²⁰ Eliza Zimpech, pianista.

²¹ Cecy de Souza, pianista.

²² Nome sujeito a confirmação.

²³ Nome sujeito a confirmação.

foi aqui a minha acho que foi no São Pedro. Por que depois do São Pedro fechou e nós ficamos muitos anos sem Teatro São Pedro e aí se passou aqui para Teatro de Câmara que era novo na época tinha recém inaugurado. Era bonitinho, era pequeno, como não era uma formatura grandiosa... Então passou a ser aqui. A gente tinha uma coroinha de pérolas que geralmente era confeccionado pelas próprias mães. Já tinha uma de modelo e as mães copiavam ou alguém fazia pra todo mundo. Era uma coroinha de pérola e bem vestida independente de ser vestido longo ou vestido curto aí depende da época, da moda, e do consenso das formandas. Mas sempre bem arrumada. Aí chamava entregava o certificado que não tinha faltado nenhuma aula ganhava o famoso prêmio de frequência. Eu tinha milhares de quadrinhos porque a gente não faltava aula só para ganhar o bem dito do quadro. Imagina, nós éramos três irmãs, e todas queríamos ganhar o prêmio de frequência. Minha mãe tinha toneladas de quadrinhos de balé. Eu acho que nem o meu de primeiro lugar porque quando me formei eu tirei primeiro lugar, eu acho que nem isso eu tenho mais... Mas daí entregava esse quadrinho e sentava. Aí ele falava a fiscal também falava, e estava feita formatura. A fala dele era um agradecimento aos pais não lembro exatamente o que ele falava...

M.C. – Como ele era no contato diário na escola?

M.S. – Ele era normal. Era bom. Não era um chefe. Não era um patrão. Ele era um colega. Tratava a gente... É claro que a gente tinha aquele respeito por ele... A gente chamava o Seu Rolla. Mas ele respeita o que a gente dizia. A hora que a gente tava dando aula a aula era nossa. Ele não ficava ali nos fiscalizando. Inclusive tinha dias que ele nem ia à escola. Se era dia que ele só tinha que dar aula de noite ele passava o dia na rua. Ele ia à escola abria, a gente entrava dava aula e ele não ficar. Ele confiava realmente nós e a escola tinha um fluxo muito grande chegou a ter épocas assim que eu me lembro porque quando eu fui ficando então eu já tinha autonomia para receber pagamentos de alunos. Então teve época que a gente chegava a ter duzentos e não sei quantos alunos no bloquinho de pagamentos. Muitas alunas claro que nem todos eram realmente frequentes que a gente ia lá fazer matrícula fazer uma aula passava um mês não aparecia e aí depois queria dançar no espetáculo. Aí a gente não deixava... Ai tinha aquele chororo. Mas tinha muita gente. Turmas muito grandes de ter trinta em cada turma de ter 1º e 2º grupo numa mesma aula. Senta o 1º. Grupo e vamos atender o 2º. Grupo e agora levanta primeiro grupo que não conseguia ver todas e cuidar de todas. Então a gente dividia pra fazer exercício com

primeiro grupo depois com segundo grupo pra gente poder enxergar o que as crianças faziam.

M.C. – E como era no espetáculo com tantas bailarinas?

M.S. – Assim quando estava lá atrás não podia abanar, não podia ficar espiando na coxia, não pode fazer barulho. Era uma força tarefa porque não é fácil conter vinte e cinco trinta crianças todas fantasiadas e maquiadas se achando as rainhas da cocada! E tu tendo que controlar aquelas crianças sabendo que tinha mais de sessenta ou sessenta crianças lá atrás esperando a vez de entrar. E ninguém saía. Não era assim dança e vai embora! Era dança e fica até acabar o primeiro ato! E as mães só podiam recolher as crianças no intervalo. Então aquelas crianças tinham que ficar conosco em silêncio sem assistir porque não tinha como ver lá de trás. Mas se conseguia. Eu acho que as crianças eram outras, a época era outra. O que vinha de casa era outro tipo de orientação da que se tem hoje. Creio que hoje não ia funcionar. Eu dançava nesse mesmo espetáculo e eu ficar semi pronta e depois quando dava o intervalo eu ia lá acabar de me arrumar e aí eu podia dançar. Já tava com coque pronto, maquiagem quase pronta, a roupa também quase pronta e depois que as crianças iam a gente fazia o aquecimento e aí sim a gente entrava.

M.C. – Quem foram as tuas colegas que continuaram profissionalmente na dança?

M.S. – A Elizabete Gutierrez²⁴ do Balé Gutierrez; a Isabel Beltrão²⁵ do Balé Redenção; a Carlota²⁶ tem o Grupo Terpsí; a Sayonara²⁷ que não tem escola, mas é professora da USP; a Sheila²⁸ que agora está em Brasília, mas ela fez carreira na Alemanha durante muitos anos agora ela tem um grupo que se chama Atmos; a Lenita²⁹ que não chegou a se formar no Rolla; a Cristina Futuro³⁰ e a Cristina Fragoso³¹ não tenho certeza se passaram pelo Rolla, mas se passaram não sei se formaram lá. O Balé Redenção inclusive cresceu quando fechou a escola do Rolla a Isabel já tinha experiência por que dava aula no Rolla e ela estava começando a escola dela, pequena, e automaticamente as alunas migraram para escola da Isabel. Como eu não quis abrir escola porque eu fui a última a sair de lá. E com o

²⁴ Elizabete Gutierrez, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla.

²⁵ Isabel Beltrão, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla.

²⁶ Carlota Albuquerque, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla.

²⁷ Sayonara Pereira, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla.

²⁸ Sheila Silva, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla.

²⁹ Lenita Ruschel, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla.

³⁰ Maria Cristina Futuro, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla.

³¹ Cristina Fragoso, proprietário da Escola de Dança Cristina Fragoso.

Rolla não teve problema nenhum porque a gente trabalhava em vários lugares e ele nunca teve essa coisa assim: não tu és da minha escola tu não pode... Não ele nunca foi assim! Tanto que a Erenita tinha escola em canoas dela e muitas vezes a Regina a Laura as gurias iam dançar lá. Ele emprestava a gente pra canoas. Por que ela tava começando não tinha turma de adulto e não tinha como fazer um baile ia ser só criancinhas... Então levava adultos daqui sem problemas... A Walesca³² em Alegrete quantas vezes nós vamos pra Alegrete dançar, com ele junto ele chegou aí algumas vezes Alegrete era normal isso pra ele. Assim também como ele saiu da escola da Dona Tony e foi montar a escola dele. Para ele é uma coisa normal. Eu vejo que hoje em dia pior, claro que sempre teve uma concorrência. Quem era da Marina, quem era das Salma, quem era do Rolla, no mundo artístico a concorrência é uma coisa que é inerente. Hoje é pior porque hoje a informação é maior. Porque tinha muita coisa na nossa época que a gente conversava que ficava entre nós. Hoje em dia vai pra internet o mundo vai saber. Mas isso sempre tem em teatro, na dança.

M.C. – E por que a Escola foi fechada?

M.S. – Vou te dizer. Nos tiraram do Araújo Viana. O Araújo Viana resolveu acabar com o contrato nestas coisas de mudança de governo. Não vai ter mais. Acabou essa concessão. Porque a gente estava de graça lá dentro. Nosso pagamento era, não sei nem se o Rolla pagava a luz da sala, era fazer o espetáculo da Semana de Porto Alegre. E aí ficamos entra governo, sai governo e a gente foi ficando até que um dia um dos novos que entrou resolveu que aquilo não era para isso e que ia acabar. O Rolla já estava com oitenta anos quase, já estava velho e ele disse: “Ah não! Começar tudo de novo em outro lugar, alugar sala?” O público já não era tanta gente assim, financeiramente tu sabe que artista é badernado ele não tinha nada quase. Ele só não morreu na miséria absoluta porque a gente correu pra lá correu pra cá e conseguiram uma aposentadoria pra ele. Porque ele não tinha nada. Não tinha um plano de previdência. O que ele ganhava ou ele ganhava muito e aí sobrava ou se acabava, acabou. Ele sempre morou de aluguel, nunca teve casa própria, nunca teve sala própria. Ele tinha essa salinha da Marechal, mas não tinha como trazer todo mundo para Marechal. E aí quando nos tiraram do Araújo Viana acabou: - fecha a porta, apaga a luz e vai embora. Teve negociação. Os pais até tentaram, pois já era época de matrícula quase, fim de ano... mas eles foram irredutíveis e a gente saiu de lá e assim

³² Maria Waleska Souza, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla.

acabou. Os pais até tentaram e disseram vamos para outro lugar a gente ajuda... E ele disse “não”. Ele desistiu, realmente desistiu. Pra ele acho que ele ficou decepcionado porque mal ou bem era o que ele disse: “a gente prestou um serviço pra cidade durante muito tempo” e eu acho que ele esperava que a cidade tivesse um pouco mais de consideração com ele. Não como se ele tivesse chegado ontem, como se nunca tivesse feito nada, então: “ponha-se na rua! Queremos a sala!” E deu acabou. Acho que isso foi uma coisa meio geral de secretaria não sei quem era o secretário. Eu não sei nem o que ficou funcionando naquela sala. Porque o Araújo Viana era assim no salão de baixo ensaiava o grupo da Nilva Pinto³³ Os Gaúchos em algumas noites; tinha a banda municipal; depois teve a escola de música da OSPA; Tinha o Fernando Bertazzo³⁴ que dava aula ali para tenores e cantores; depois que a parte de música mesmo tinha aula de Cello³⁵ e nós na parte de cima. E aí quando resolveram mudar, resolveram mudar e fim, acabou. Saiu o administrador do Araújo Viana que era o Dr. César Fonseca³⁶ que era muito nosso amigo que era também um cargo político, era indicação. A filha dele estudou conosco a Elisa Fonseca³⁷. Então ele era uma pessoa muito ligada a nós. Nos ajudava com coisas de som. Se não me engano o sobrinho dele é marido da Carlota, acho que ele era sobrinho do Dr. César e aí mudou tudo começa a mudar essas coisas de governo de política não era mais interessante ele nos manter lá. Não sei o que fizeram daquela sala até fechar o Araújo Viana. Depois ficou anos fechado.

M.C. – E depois de encerrada a escola qual foi teu contato com ele?

M.S. – Muito pouco. Eu o vi poucas vezes. Eu entrei num período meio sabático. Inclusive até quando ele morreu eu não estava perto dele, não tinha visto. Me deu uma coisa assim não sei, parece que foi uma defesa minha uma página que eu encerrei na minha vida. Vi ele muito poucas vezes depois disto.

M.C. – O grupo de ex-alunas ainda se encontra atualmente?

M.S. – Ah... As Roletes! A gente tem se reunido quase todos os meses. Agora do ano passado pra cá. Porque até então tava todo mundo espalhado. Poucas se falavam algumas ainda porque até fazem dança até hoje. Outras porque as filhas foram estudar dança na

³³Nilva Therezinha Dutra Pinto.

³⁴Fernando Bertazzo.

³⁵ Instrumento musical.

³⁶Cesar Fonseca.

³⁷Elisa Fonseca, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla.

escola da Luka a Isabel Beltrão. Então algumas a gente se via. Mas agora a gente começou a reunir as Roletes e a gente tem feito encontros mais ou menos periódicos. Começou no ano passado, atrasado foi minha irmã que encontrou não sei quem... duas ou três alunas. E aí a partir da internet, que faz as pessoas se encontrarem, e a gente conseguiu juntar todo mundo e marcar uma janta. Normalmente a gente marca assim porque têm a Simone Conceição³⁸ que mora nos Estados Unidos, a Sayonara que mora em São Paulo, a Sheila que mora em Brasília, a Maria José Mesquita³⁹ ela mora em São Paulo e é professora na Unicamp. Então a gente se reúne quando elas vem aqui.

M.C. – Tenho o registro do único convite de espetáculo de carazinho que uma bailarina esta na capa.

M.S. – Sou eu. Essa foto a gente fez no Araújo Vianna. Inclusive vou te dizer nesse espetáculo eu não fui. Eu só fiz a capa por que eu estava grávida de três ou quatro meses da minha filha. Eu fiz as fotos, mas não fui para viagem. Eu fiz o cartaz oficial, a propaganda, mas eu não fui. Todo mundo me procurava, mas ninguém me achou porque eu não fui.

M.C. – Bem estamos encaminhando o final da entrevista e neste momento tu podes registrar algo que julgues necessário.

M.S. – Foi uma época bem importante na minha vida por que eu entrei criança e sai de lá mãe. Eu atravessei toda minha vida lá dentro. Então foi uma época bem importante a minha vida praticamente resumia-se a ir para o balé. Era só o que eu sabia fazer. Então esses dias a gente estava brincando e comentando que interessante... banho de sol nem pensar! Bailarinas deveriam ser brancas! Então todo mundo querendo tomar sol lá por outubro e nós não, porque tinha espetáculo em novembro. Aquelas festas de 15 anos das amigas e tu querendo te arrumar e ir para o cabeleireiro todo mundo quer ir! Não! A gente tava ensaiando no sábado até às seis da tarde e ia para aniversário de qualquer jeito. Chegava em casa lavava os cabelos secava e ia. Mas era uma coisa que na época não nos incomodava porque aquilo pra gente era muito importante. Eram as amigas mais chegadas além das que a gente tinha no colégio era o pessoal do balé a gente passava muito tempo junto. Foi uma fase muito importante da minha vida que eu guardo com saudades e hoje a gente ainda se diverte porque também tem muita coisa engraçada que aconteceu. A parte

³⁸ Simone Conceição, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla.

³⁹ Maria José Mesquita, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla.

de coxia, o que acontece por trás do palco... Teve uma vez que o pianista Baraldi que era ao vivo e na hora dele virar a partitura e virou duas páginas. E eu ia Regina estávamos no palco, não lembro que parte da dança era. E a gente se olhou e disse: “sai agora do palco” porque vai que ele resolve voltar a tocar o que tinha virado ia ser um caos! Já que ele engasgou nós saímos mesmo como se tivéssemos terminado, mas não tínhamos. Porque vai que ele resolve voltar aí embolava tudo. Então aconteciam essas coisas assim de luz que não funcionava, tropeçar na caixa do breu. Teve uma vez que eu tropecei era aquela fumaça saindo pelo palco, acontecia àquela coisa de sair correndo pra um lado outro sair correndo pro outro, muito divertido! E o trabalho que era fazer tudo! E hoje com essa tecnologia toda... Por isso que a gente fica abismada com o que Rolla fez. Por que nós somos do tempo daquele holofote, que tu vira o holofote aperta o parafuso para afinar, pra colocar a luz em cima da pessoa. Se tu queres cor, troca as gelatinas tipo celofane. Então eram horas e horas. Então a gente saia às duas e meia da manhã de dentro do teatro pra fazer a marcação de luz. Ficava parado naquele palco sobe um na escada vai lá, afina o refletor, mexe no refletor. Reza pra ninguém mexer até o dia por que já está pronto. Sabe o gravador de rolo? Aí arrebenta a fita, tranca a rolo. Durante o espetáculo tivemos alguns problemas também coisas que eram pra andar e não andavam. Um carrinho que era pra andar e não andava. Sempre acontecia. Aquele monte de mulher naquele Teatro São Pedro comido de cupim... Os camarins desse tamanhinho, apertados, velhos... porque aquilo era puro cupim. Nos últimos anos, antes da reforma, era um ato heroico dançar ali! Era um ato de heroísmo! Fora que tu na sapatilha de ponta tu nunca sabia se ia cair no buraco certo ou no buraco errado! Por que tinha uns buracos que o pé cabia direitinho! Era uma vida arriscada, no final foi uma vida de risco![risos] Mas era muito divertido, era muito bom. A gente saia de lá e o Rolla teve uma fase que ele tinha a mania de ir ao Restaurante Gauchão da Rodoviária que ele adorava! Muitas vezes saímos para jantar no Gauchão! Ele tinha um gosto meio estranho para restaurante. Ele gostava muito da Caverna do Ratão que na época era uma caverna mesmo e esse Gauchão que era na rodoviária. E a gente fazia muita participação em ópera. Então junta mais pessoas da ópera, da música e era uma farrá. A gente trabalhava, mas se divertia. Foi uma época bem interessante e a gente conhecia muita gente também. Nas óperas então era mais gente porque tinha o coral da UFRGS, toda orquestra, maestro, pessoal que vinha de Montevidéu montar cenário... Era uma vida bem interessante.

M.C. – Gostaria de te agradecer em nome do CEME, a tua disponibilidade em nos conceder esta entrevista.

T.B. - Eu que agradeço.

[FINAL DA ENTREVISTA]